

***Alpinia purpurata* (Vieill.)
K. Schum.: planta
ornamental para cultivo
no Cerrado**



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Cerrados
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Documentos 298

***Alpinia purpurata* (Vieill.) K. Schum.: planta ornamental para cultivo no Cerrado**

*Araci Molnar Alonso
José Carlos Sousa-Silva*

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Cerrados

BR 020, Km 18, Rod. Brasília/Fortaleza

Caixa Postal 08223

CEP 73310-970 Planaltina, DF

Fone: (61) 3388-9898

Fax: (61) 3388-9879

<http://www.cpac.embrapa.br>

sac@cpac.embrapa.br

Comitê de Publicações da Unidade

Presidente: *Fernando Antônio Macena da Silva*

Secretária-Executiva: *Marina de Fátima Vilela*

Secretária: *Maria Edilva Nogueira*

Supervisão editorial: *Jussara Flores de Oliveira Arbués*

Equipe de revisão: *Francisca Elijani do Nascimento*

Jussara Flores de Oliveira Arbués

Assistente de revisão: *Elizelva de Carvalho Menezes*

Normalização bibliográfica: *Paloma Guimarães Correa de Oliveira*

Editoração eletrônica: *Leila Sandra Gomes Alencar*

Capa: *Leila Sandra Gomes Alencar*

Foto(s) da capa: *Araci Molnar Alonso*

Impressão e acabamento: *Divino Batista de Sousa*

Alexandre Moreira Veloso

1ª edição

1ª impressão (2010): tiragem 100 exemplares

Edição online (2010)

Todos os direitos reservados

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Cerrados

A454a Alonso, Araci Molnar

Alpinia purpurata (Vieill.) K. Schum.: planta ornamental para cultivo no Cerrado / Araci Molnar Alonso, José Carlos Sousa-Silva – Planaltina, DF : Embrapa Cerrados, 2010.

34 p. — (Documentos / Embrapa Cerrados, ISSN 1517-5111, ISSN online 2176-5081 ; 298).

1. Cerrado. 2. Planta ornamental. I. Título. II. Série.

635.9 - CDD 21

© Embrapa 2010

Agradecimentos

À Rosamaria Schertel, produtora de flores tropicais no Distrito Federal, e à Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER/DF, em especial à Loiselene C. da Trindade Rocha, Laércio de Júlio e Cleison Medas Duval.

Autores

Araci Molnar Alonso

Engenheira Agrônoma, D.Sc.

Pesquisadora da Embrapa Cerrados

araci.alonso@cpac.embrapa.br

José Carlos Sousa-Silva

Biólogo, Ph.D.

Pesquisador da Embrapa Cerrados

jcarlos@cpac.embrapa.br

Apresentação

A cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais tem, na floricultura tropical, uma oportunidade de grande crescimento no Brasil. Esse mercado vem ganhando muitos adeptos, principalmente pela opção em se cultivar plantas originárias de outras regiões tropicais nas diversas condições de clima e solo brasileiros.

Cada espécie que se cultiva é um novo desafio para todos os envolvidos, que vai desde o produtor até o consumidor final. Entre as espécies mais consumidas no Distrito Federal, está a *Alpinia purpurata* (Vieill.) K. Schum. com suas inflorescências, que vão desde a cor vermelha até a rosa e seus matizes. Popularmente conhecida como alpínia, essa planta produz o ano inteiro proporcionando ao produtor a chance de colocar no mercado uma opção a mais ao consumidor de um produto de grande durabilidade, cor e forte impacto visual, para ser utilizado no paisagismo, arranjos florais, buquês e eventos. Considerada por alguns como a rosa das flores tropicais, essa espécie já é cultivada no Distrito Federal, e também faz parte do elenco de plantas produzidas pelos produtores locais.

Sendo assim, torna-se necessário que pesquisas agronômicas relacionadas ao cultivo e manejo adequados para as condições do Cerrado sejam realizadas para fortalecer a cadeia produtiva local.

José Robson Bezerra Sereno
Chefe-Geral da Embrapa Cerrados

Sumário

Introdução	11
Caracterização de <i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.....	15
A Alpinia no Contexto da Floricultura Tropical no Brasil.....	16
Considerações Gerais.....	28
Referências	30
Abstract.....	34

***Alpinia purpurata* (Vieill.) K. Schum.: planta ornamental para cultivo no Cerrado**

Araci Molnar Alonso

José Carlos Sousa-Silva

Introdução

A floricultura, em seu sentido amplo, abrange o cultivo de flores e plantas ornamentais para os mais variados fins e formas de apresentação, incluindo desde o cultivo de flores para o corte até a produção de mudas arbóreas destinadas à recomposição ambiental e paisagismo (CASTRO et al., 2005). A atividade possibilita várias formas de exploração e diversidade de cultivo que podem ser: produção de flores de corte, produção de flores e plantas envasadas, produção de folhagens, plantas de interior e viveiros de produção de mudas para jardins (BONGERS, 1995).

A floricultura empresarial e comercial praticada no Brasil vem, desde as três últimas décadas, estruturando fluxos de abastecimento de curta, média e longas distâncias, que permitem fornecer flores e plantas ornamentais a praticamente todas as capitais e principais pólos consumidores do país. Essas flores são produzidas principalmente no Estado de São Paulo.

A dinâmica da floricultura atual culminou em um reduzido número de produtos, o qual está mais concentrado em flores de corte. Dentro desta realidade as flores mais comercializadas são: rosa (*Rosa* sp.), crisântemo (*Dendranthema grandiflorum* (Ramat.) Kitam.), lírio

(*Lilium* sp.), gérbera (*Gerbera jamesonii* Adlam), tango (*Solidago* sp.), gladiólo (*Gladiolus hortulanus* L. h. Bailey), áster (*Aster* sp.) e gipsofila (*Gypsophila* sp.) (JUNQUEIRA; PEETZ, 2008).

O elenco de flores de corte, de maior comercialização no mercado interno, é de flores exóticas. Assim, o Brasil se mostra com enorme potencial para esse agronegócio, em função de diversos fatores, como a diversidade e a amplitude de climas e solos, que possibilitam os cultivos de várias espécies de diversas origens (nativas e exóticas, de clima temperado e tropical), bem como a especificidade do produto e o mercado cativo que este apresenta (CLARO et al., 2001; KIYUNA et al., 2004). Essas vantagens ambientais, entre outras coisas, permitem o cultivo de um grande número de espécies a custos mais baixos e, conseqüentemente, mais competitivos.

Nos últimos anos, observa-se um notável crescimento e consolidação de outros importantes pólos florícolas como no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, Distrito Federal, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Ceará e nos estados do Norte (BUAINAIN; BATALHA, 2007; JUNQUEIRA; PEETZ, 2008). Entre os vários motivos que proporcionaram o surgimento dessa nova realidade no campo da produção e do abastecimento das flores e plantas ornamentais, está a abertura de novos canais e oportunidades comerciais no mercado externo, o que vem incentivando a instalação e o desenvolvimento de uma floricultura tropical, relativamente especializada nas regiões Norte e Nordeste (JUNQUEIRA; PEETZ, 2008).

A floricultura tropical, que é uma modalidade comercialmente recente no Brasil, vem crescendo a cada ano. A área cultivada em nosso país com espécies floríferas tropicais chega a 166 ha inseridos em 5.200 ha com produção de flores e plantas ornamentais (CASTRO et al., 2005). Acredita-se que é no desenvolvimento da floricultura tropical que o país mostra suas promissoras possibilidades ecológicas, produtivas e

comerciais, na consolidação e na comunicação internacional de uma marca e de um estilo próprio de viver, produzir, consumir e exportar (TERAO et al., 2005). Além do mais, o mercado da floricultura, caracterizado pela frequente busca por novidades, é agente estimulador para a produção e introdução de novas espécies (NOORDERGRAAF, 2000).

No âmbito do mercado internacional, as flores tropicais são classificadas em dois grandes grupos de mercadorias: a Floricultura Tropical de Alta Tecnologia, considerando uma produção dentro de elevados padrões tecnológicos, tendo como exemplo as orquídeas e antúrios; e a Floricultura Tropical de Campo, sendo esta menos estruturada e com padrões menos rígidos e de oferta mais diversificada e inconstante. Esta floricultura gera produtos classificados como exóticos, e ocupa um nicho especial e ainda reduzido no mercado. As espécies enquadradas nesta modalidade são as helicônias, alpínias, bastões-do-imperador, costus, abacaxis ornamentais e sorvetões (TERAO et al., 2005).

A maioria das espécies na floricultura tropical pertence à ordem Zingiberales, antigamente chamada de Scitamineae, reconhecida por muitos taxonomistas como contendo oito famílias distintas: Zingiberaceae, Costaceae, Marantaceae, Cannaceae, Lowiaceae, Musaceae, Heliconiaceae e Strelitziaceae. Essas famílias incluem 89 gêneros e aproximadamente 1.800 espécies, abundantemente encontradas nos trópicos úmidos e sazonalmente no trópico seco (BERRY; KRESS 1991).

Zingiberaceae é a maior família das Zingiberales, com cerca de 50 gêneros e 1.400 espécies quase que exclusivamente herbáceas. É encontrada por todo o trópico, sobretudo na Ásia (CASTRO, 1995). Nessa família, a floricultura tropical comercializa plantas consideradas de cunho exótico, como o bastão-do-imperador (*Etilingera elatior* (Jack) R.M. Sm.), sorvetão ou gengibre-ornamental (*Zingiber spectabile* Griff.) e alpínia (*Alpinia purpurata* (Vieill.) K. Schum.) (Figura 1).



Fotos: Araci Molnar Alonso

Figura 1. Espécies ornamentais da família Zingiberaceae: (a) bastão-do-imperador (*Etlingera elatior*); (b) sorvetão ou gengibre-ornamental (*Zingiber spectabile*) e (c) alpinia (*Alpinia purpurata*).

A diversidade de ambientes em que a família Zingiberaceae ocorre naturalmente mostra uma gama enorme de espécies com capacidade de se estabelecer às mais diferentes condições naturais de luminosidade. Ela ocorre entre as latitudes 32° N e 30° S, nas regiões mais quentes do mundo, concentrando-se principalmente no Sudeste Asiático, Nova Guiné, África e Austrália. A maioria das espécies é de sombra, em florestas úmidas, embora algumas se desenvolvam em bordas de matas, em clareiras, em margens de rios ou a céu aberto. Muitas das espécies que ocorrem nos trópicos são adaptadas à umidade, sendo que alguns gêneros podem perder as folhas para sobreviverem à estação seca com rizomas subterrâneos (WOOD, 1995).

Caracterização de *Alpinia purpurata* (Vieill.) K. Schum.

Entre as espécies de Zingiberaceae, a *Alpinia purpurata* (Vieill.) K. Schum. é uma planta originária das florestas tropicais da Ásia, mais precisamente das ilhas do Pacífico Ocidental, ao norte da Austrália, como a Nova Calcedônia, Ilhas Salomão, Ilhas Virgens e Arquipélago Bismarck e Bougainville (TERAO et al., 2005; TEIXEIRA; LOGES, 2008). De sinónmia *Guillainia purpurata* Vieill., é conhecida popularmente por gengibre-vermelho e alpinia (LORENZI; SOUZA, 2008).

As plantas são perenes, podendo atingir até 4 m de altura, formando touceiras de até 1,5 m de expansão. O caule é subterrâneo, do tipo rizoma. As folhas são lanceoladas, longas, espessas, bordas orladas e produzidas em talos densos e coloração verde-escura. As inflorescências são terminais, podendo alcançar 30 cm e são compostas por brácteas eretas e flores brancas (Figura 2). As brácteas têm brilho intenso, que vão da cor vermelha à rosa, e esbranquiçadas (TERAO et al., 2005). As flores são discretas, têm formato tubular e, após a abertura das brácteas, emergem da inflorescência contrastando com a cor das brácteas (CRILEY; PAULL, 1993). Essas flores frequentemente sofrem abscisão um dia após a antese (CRILEY, 1989).



Foto: Araci Molnar Alonso

Figura 2. Parte de inflorescência de *Alpinia purpurata* com flor tubular branca em destaque.

A Alpinia no Contexto da Floricultura Tropical no Brasil

A alpinia é uma espécie com grande valor ornamental, por seu uso como flor de corte e em paisagismo, em razão do seu florescimento transcorrer durante todo o ano. Por essa razão, a demanda por flores de alpinia se sedimenta cada vez mais no mercado (TERAO et al., 2005; JUNQUEIRA; PEETZ, 2005).

O cultivo comercial de alpinias, como flor de corte no Brasil, vem se expandindo a cada ano. Em Pernambuco, a *A. purpurata* desempenhou um papel importante pela sua beleza, durabilidade, aceitação no mercado e adaptação do cultivo na região, que ocorre na Zona da Mata e Litoral, desde 1994. As variedades cultivadas no local para flor de corte, apresentadas na Figura 3, são: 'Red Ginger' (vermelha), 'Pink Ginger' (rosa), 'Eileen Macdonald' (rosa) e as cultivares do grupo 'Ginoza', sendo estas 'Jungle King' (vermelha), 'Jungle Queen' (rosa) e 'Kimi', híbrido de 'Eileen Macdonald' com 'Jungle King' (TEIXEIRA; LOGES, 2008). Recentemente, cruzamentos entre 'Eileen Macdonald' e 'Jungle King' resultaram em 14 clones novos denominados kimi, dos quais quatro já despontam como excepcionais (LAMAS, 2004).

A faixa de temperatura adequada para o cultivo de alpinia está situada entre 22 °C e 35 °C, com temperatura máxima noturna de 27 °C e mínima de 18 °C, e a umidade relativa do ar deve oscilar entre 60% a 80% (LAMAS, 2004; TERA0 et al., 2005). A temperatura ótima para a produção está entre 24 °C e 30 °C (LAMAS, 2004).

Quanto ao ambiente de luz, a alpinia pode ser cultivada à meia sombra ou a pleno sol, dependendo da coloração da inflorescência e da região. A necessidade luminosa oscila de 0,000007321 Wcm⁻² a 0,000010249 Wcm⁻², e um sombreamento entre 20% a 45% proporciona bom desenvolvimento vegetativo e florescimento adequado (MEDEIROS, 2007).



Figura 3. Cultivares de *Alpinia purpurata* produzidas em Pernambuco, Brasil, como flor de corte.

Fonte: Teixeira e Loges (2008).

Nas condições ambientais no Brasil, o comportamento das alpínias parece seguir o mesmo padrão. Lamas (2001) recomendou que as alpínias vermelhas sejam cultivadas a pleno sol, mas que também podem se desenvolver à meia sombra, principalmente a rosa, e, sob um sombreamento de 30% a 50%, as plantas apresentam bom desenvolvimento vegetativo e um florescimento adequado. Bezerra et al. (2008) obtiveram resultados satisfatórios no cultivo de alpínia vermelha em telado a 50%, em condições de litoral no Ceará. Ao estudar diferentes sombreamentos com telados em Campinas, SP, a alpínia rosa não se mostrou ser uma espécie para cultivo em extremos de luminosidade ou de sombreamento (MELEIRO, 2003).

Em Pernambuco, as cultivares de cores mais escuras como 'Red Ginger', 'King' e 'Kimi' suportam melhor o sol pleno apresentando ligeira sensibilidade à exposição dos raios solares apenas nos meses de outubro a dezembro. Já as cultivares de cor clara como 'Pink Ginger', 'Eileen Macdonald' e, principalmente, 'Jungle Queen' não suportam a incidência dos raios solares durante o ano todo. Para essas cultivares, é indicado o cultivo sob 30% de sombreamento para a produção de hastes de melhor qualidade (TEIXEIRA; LOGES, 2008).

O cultivo em regiões com alta luminosidade deve ser sob telados ou árvores (TERAO et al., 2005), como ocorre em Pernambuco, onde a associação com o sombreamento de árvores parece criar uma condição favorável à qualidade das inflorescências (TEIXEIRA; LOGES, 2008), além de ser uma opção mais econômica e sustentável.

Na Fazenda Mumbecas, situada no Município de Paulista, em Pernambuco, o plantio de sombreiro (*Clitoria* sp.), distanciados entre si a cada 30 metros, e a poda de galhos inferiores mantêm uma luminosidade ideal para as alpinias (TEIXEIRA; LOGES, 2008). Outras opções podem ser pelo plantio intercalado de mamona (*Ricinus communis*), árvore-da-chuva (*Pithecolobium saman*), sombrero (*Clitoria racemosa*) ou gliricídia (*Gliricidia sepium*) (LAMAS, 2004; MEDEIROS, 2007).

A propagação pode ser por divisão de rizomas, touceiras, mudas aéreas e mudas micropropagadas. As plantas matrizes fornecedoras dos propágulos deverão ser maduras, sadias e vigorosas.

O método por divisão de rizomas é o mais utilizado, os quais deverão ter diâmetro acima de 2 cm e serem tratados com fungicida e inseticida antes do plantio. O controle de nematoide pode ser por nematicidas específicos, ou através de controle térmico feito com água quente, entre 40 °C a 42 °C, durante 15 a 30 minutos. Caso o procedimento seja o cultivo dos rizomas em recipientes, as mudas deverão ser levadas para campo quando tiverem em torno de 40 cm de altura e com no mínimo quatro folhas verdadeiras formadas (LAMAS, 2004).

A divisão de touceiras tem sido o processo mais utilizado pelos produtores em Pernambuco por promover um desenvolvimento mais

rápido da planta (TEIXEIRA; LOGES, 2008). As mudas provenientes dos rizomas e das touceiras deverão proceder de cultivos com mais de três anos de idade, e irão florescer mais cedo, entre 12 e 15 meses após o plantio (LAMAS, 2004; TERAO et al., 2005).

As mudas aéreas são produzidas nas axilas das brácteas das inflorescências e apresentam um bom pegamento e rápido desenvolvimento vegetativo (Figura 4). Porém, quando comparadas com as propagadas por divisão de touceiras, apresentam desvantagem, porque produzem inflorescências com padrões comerciais somente a partir de três anos do plantio (TERAO et al., 2005). No entanto, são adequadas para formação de maciços em projetos paisagísticos uma vez que perfilham intensamente (TEIXEIRA; LOGES, 2008).



Foto: Araci Molnar Alonso

Figura 4. Aspecto geral de “mudas aéreas” de *Alpinia purpurata* em área de produção no Distrito Federal.

As plantas de gengibre-vermelho e do rosa ‘Eileen MacDonald’ produzem mudas aéreas nas axilas das inflorescências, enquanto ‘Jungle Queen’, ‘Jungle King’ e a maioria dos novos híbridos de Ginoza não desenvolvem, embora algumas tenham sido observadas em inflorescências bem mais velhas (CRILEY, 1995). O mesmo autor recomendou que brotos aéreas com início de formação de raízes devem ser imediatamente plantados.

Mudas micropropagadas também são utilizadas e garantem maior sanidade e melhor qualidade do material. Elas são obtidas de meristemas presentes nas axilas das brácteas das inflorescências (CHANG; CRILEY, 1993; TERAQ et al., 2005).

O cultivo de alpinia deve ser em solos profundos, porosos, bem drenados, argilo-arenosos, adubados, ricos em matéria orgânica e levemente ácidos. A condução das mudas, obtidas por divisão de touceiras ou rizomas, pode ser feita a partir do plantio em sacos plásticos ou diretamente no solo, em leiras ou em covas (TEIXEIRA; LOGES, 2008).

Não existem regras específicas para espaçamento e adubação, os quais são diferentes, de acordo com a região. Algumas indicações são apresentadas por Lamas (2004), quanto à saturação de bases, que deve estar na faixa de 70%, e o pH ideal para cultivo, que deve estar entre 5,6 a 6,2.

Lamas (2002) recomendou o plantio em canteiro de comprimento variável, sendo o ideal de 30 m, elevado de 10 cm a 15 cm acima do solo. O sistema de plantio é o de fileira simples, com plantas espaçadas de 1,5 m a 2,0 m entre plantas e de 3,0 m a 4,0 m entre fileiras. O autor recomenda a adubação química em conformidade com análise de solo, e acrescenta que a cultura responde muito bem a fertilização nitrogenada. Até 12 meses, as alpinias deverão receber 200 g/planta de N, 100 g/planta de P e 200 g/planta a 250 g/planta de K, mais cálcio e magnésio. Após 13 meses, as quantidades aumentam, sendo 350 g/planta a 400 g/planta de N, 200 g/planta a 250 g/planta de P e 300 g/planta a 350 g/planta de K, mais cálcio. A adubação foliar também é recomendada, sendo pela fórmula completa 20-20-20 + micro ou 20-20-20 + 2 de Mg. Ela deve ser aplicada semanalmente, na dosagem de 1,5% a 2%, até as plantas atingirem o tamanho de 1,70 m. A partir daí, deve-se utilizar a adubação em conformidade com a análise foliar, realizada a cada três meses. O autor indica a compostagem orgânica na dosagem de 12 kg a 18 kg por m²/ano, parcelada em, pelo menos, seis aplicações, a cada dois meses.

Para Luz et al. (2005), os canteiros devem ser erguidos de 10 cm a 20 cm acima do solo, e de comprimento variável. O plantio deve

ser realizado em fileiras simples, com espaçamento de 1,25 m entre plantas e de 2,0 m entre linhas, e a recomendação para a adubação é com base na análise do solo. Para um solo com fertilidade média, recomendam-se 200 g a 300 g por planta e por aplicação de 15-15-15 mais micronutrientes a cada três meses.

Em Pernambuco, na região do litoral e Zona da Mata, o espaçamento adotado para o plantio em leiras tem sido 1,0 m entre plantas e 2,0 m entre ruas, ou 2,0 m entre plantas e de 2,0 m a 3,0 m entre ruas, para o plantio em covas. Nessas condições, a adubação é feita com intervalos de 3 a 4 meses, sendo duas vezes ao ano com composto orgânico. Em agosto, é efetuada uma adubação com composto orgânico, acompanhada de adubação química de NPK 5-25-15 e, em outubro, é aplicado NPK 20-10-20 (TEIXEIRA; LOGES, 2008).

Estudos sobre produção de alpinia em cultivo protegido no Ceará também são importantes para um entendimento mais amplo do cultivo dessa espécie nas condições locais. Assim, Bezerra et al. (2008) determinaram que o sistema de cultivo em telado (50%) mais recomendado nas condições de litoral do Estado do Ceará, no município de Paraipaba, foi aquele onde se usou o espaçamento 0,90 m x 2,0 m e a menor dose de adubação NPK 15-15-15 (187 g/cova), adicionados 37,5 kg/ha de micronutrientes (FTE-BR12) e húmus de minhoca (20 kg/m²) parcelados quatro vezes ao ano, por proporcionar redução de custos na aquisição de mudas e fertilizantes/adubos, sem interferir na quantidade e qualidade das hastes florais produzidas. Nesse espaçamento, foi produzida uma média de 62 hastes florais por metro quadrado de canteiro, com o pico de produção no 19º mês, e hastes com tamanho médio de 96 cm.

No geral, a produção comercial se estabelece a partir do terceiro ano, e a renovação dos canteiros ocorre a cada 6 ou 7 anos (TERAO et al., 2005).

Os picos de produção devem ser determinados pelo produtor para as diferentes regiões, o que facilitará, em muito, a sua programação de vendas, como acontece nas condições do Nordeste, onde os picos

de produção da alpinia ocorrem de novembro a abril (LAMAS, 2004). Em Pernambuco, acontecem de outubro a dezembro, decrescendo nos meses seguintes até atingir o ponto crítico de junho a agosto. Em setembro, quando finaliza o período chuvoso, a produção aumenta (TEIXEIRA; LOGES, 2008).

Essas plantas exigem podas regulares em todas as fases de desenvolvimento da touceira. Na fase logo após o plantio, as hastes fracas, finas, tombadas em direção às entrelinhas ou que produzirem inflorescências devem ser eliminadas. Na fase após a emissão da inflorescência, as hastes já estão plenamente desenvolvidas, não havendo incremento do diâmetro ou comprimento. Portanto, hastes de alpinias sem altura e diâmetro desejados para corte, no início do florescimento, devem ser removidas, pois não irão desenvolver uma inflorescência com valor comercial (TEIXEIRA; LOGES, 2008).

As alpinias são bem sensíveis à falta de água, o que poderá afetar a qualidade do produto final, que são as flores. Apesar de a irrigação poder ser por aspersão, microaspersão, gotejamento ou infiltração, a mais indicada é a aspersão baixa (TERAO et al., 2005). A aspersão convencional instalada em cultivo de alpinia em Pernambuco favoreceu o surgimento de fungos e insetos (pulgão e formiga), manchas de queima nas inflorescências e irregularidade na distribuição de água no solo, entre outras coisas (TEIXEIRA; LOGES, 2008).

Como toda planta, a alpinia também é alvo de doenças e pragas. O fungo *Phytophthora* sp. causa podridão-aquosa, que se inicia na região do colo e se alastra para as raízes e pecíolo das folhas, e o *Pythium* causa mela, podridão das raízes e tombamento das plantas (LUZ et al., 2005). No Distrito Federal, Costa (2007) levantou quatro espécies de fungos em área de produção de alpinia rosa, como sendo *Alternaria tenuissima*, *Periconia cookei* e *Pestalotiopsis* sp. causando danos em folhas, e *Fusarium* sp. em inflorescências. Quanto às pragas, os ácaros aparecem causando o enrolamento das bordas foliares, bronzeamento das folhas e transmissão de viroses, e as cochonilhas, causando manchas nas folhas, definhamento das plantas e presença do fungo fumagina (LUZ

et al., 2005). Para Lamas (2004), o principal problema da cultura quanto às pragas é a ocorrência de cochonilha nos rizomas e nas inflorescências, o que atrai formiga lava-pés. Lins e Coelho (2004) encontraram nas raízes da alpinia *Meloidogyne incognita*, *Xiphinema* sp. e *Dorylaimus* sp. no Estado de Pernambuco. Na Figura 5, mostra-se a interação entre cochonilha e formiga, e presença de fumagina em alpinia vermelha, em área de jardim da Embrapa Cerrados.



Foto: Araci Molnar Alonso

Figura 5. Presença de cochonilhas, formigas e fumagina em alpinia, Embrapa Cerrados, Planaltina, DF.

Para a maioria das espécies tropicais, existem poucos dados científicos relativos ao sistema de cultivo, baseado, principalmente, no empirismo (BEZERRA et al., 2008). Pode-se perceber que, para cada região e locais, existem diferentes recomendações, principalmente quanto à adubação. Mesmo na tentativa acerto e erro, essa experimentação tem proporcionado resultados satisfatórios que podem nortear e sinalizar estudos experimentais no âmbito científico para a floricultura tropical. Assim, as futuras pesquisas relacionadas ao cultivo dessa modalidade de plantas devem levar em consideração todas as tentativas já realizadas, a fim de se estabelecer propostas de ações para o desenvolvimento de pesquisa aplicada para o setor, principalmente em relação à adubação, nutrição e manejo das diferentes espécies de plantas da floricultura tropical nas diversas condições de solo e ambiente no Brasil.

Quanto à colheita das hastes florais para flores de corte em geral, Dias-Tagliacozzo (2004) ressalta que fatores anteriores à colheita, como adubação adequada e condições ideais de cultivo, podem contribuir para que o produto final obtenha maior durabilidade.

Na pré-colheita, deve-se fazer uma pré-classificação, ainda no campo, removendo flores fora de padrão, com danos mecânicos ou flores deformadas, o que irá facilitar as demais operações. Em seguida, inicia-se a colheita, que pode ser realizada diariamente, porém deverá ser programada em função das vendas (LAMAS, 2004).

O ponto de colheita de uma flor varia em função da região, época do ano, condições de cultivo (campo ou estufa), variedade e distância do mercado, e deve seguir recomendações regionais (LAMAS, 2004), atendendo padrões de qualidade definidos especificamente para cada material vegetal (LIMA; FERRAZ, 2008).

Padrões de qualidade levam em conta aspectos externos como: (1) estrutura floral (forma, comprimento); (2) número de flores e botões; (3) ausência de resíduos químicos, de pragas e doenças e de defeitos aparentes, e aspectos internos como: (a) longevidade em condições de interior; (b) resistência contra condições de estresse durante transporte

e comercialização; (c) suscetibilidade ao resfriamento e etileno; (d) ausência de defeitos escondidos e (e) estabilidade da cor em condições de interior (NOORDEGRAAF, 1994).

O ponto de colheita em que as alpinias apresentam maior durabilidade é quando o terço superior das brácteas já se encontra totalmente expandido. A inflorescência então é colhida com o talo inteiro, que deve ser o mais longo possível, na observância do diâmetro das hastes, que deve ser superior a 1 cm (LAMAS, 2004; LIMA; FERRAZ, 2008).

O corte deve ser feito na base da haste com ferramenta afiada, que pode ser uma tesoura ou lâmina, para evitar o esmagamento dos vasos condutores. É recomendável que se faça a desinfecção da ferramenta utilizada, pelo menos após o corte das hastes florais de cada canteiro, para prevenir a disseminação de doenças. Para tal, pode ser utilizada uma solução com hipoclorito de sódio a 5% (OLIVEIRA, 1996).

O horário melhor para a colheita da alpinia é durante a manhã, bem cedo, que prolonga sua vida no ponto de venda (LAMAS, 2004), e nos horários de temperaturas mais amenas, no início da manhã ou no final da tarde (LOGES et al., 2005) e quando as flores se encontram com maior teor de umidade (TEIXEIRA; LOGES, 2008).

As alpinias são muito suscetíveis à desidratação das hastes, não suportando o corte nos horários entre 11 e 14 horas, principalmente em dias mais quentes (LOGES et al., 2005). O corte sob sol forte pode acarretar a murcha das inflorescências (TEIXEIRA; LOGES, 2008).

As hastes, depois de colhidas, são colocadas imediatamente em recipientes com água, de forma a impedir que desidratem. Os recipientes são colocados no término dos canteiros para coleta, transporte e empacotamento feitos em instalações adequadas (LOGES et al., 2005), dando início a pós-colheita.

Os objetivos das práticas de pós-colheita são a manutenção da qualidade, aumento da durabilidade e redução de perdas das inflorescências após a colheita, onde os principais procedimentos

para as flores são resfriamento, limpeza, hidratação, classificação e embalagem (LOGES et al., 2005).

Nesse roteiro, ao chegar ao galpão de tratamento pós-colheita ou de beneficiamento (*packing house*), as hastes de alpinia devem ser imersas em água limpa, pois essa prática aumenta a durabilidade e contribui para diminuir a temperatura (retirar o calor do campo), hidratar e facilitar a limpeza (LAMAS, 2004; SILVA, 2006).

Em seguida, as folhas das hastes devem ser removidas rente ao pseudocaule, podendo deixar as duas folhas terminais, a fim de facilitar a embalagem e proteger as inflorescências de injúrias (LAMAS, 2004; LOGES et al., 2005; SILVA, 2006). As hastes poderão também ser submetidas a um banho de desinfecção com solução de cloro a 0,02% (SILVA, 2006), e o pH da água durante o manuseio pós-colheita deve estar em torno de 4,5 (LAMAS, 2004).

As inflorescências deverão ser protegidas pelas folhas que permaneceram, e embaladas individualmente por malha ou bolsa plástica em forma de embrulho, para serem acondicionadas em caixas de papelão com papel picado (SILVA, 2006). Assim, as inflorescências, sendo adequadamente manuseadas e preparadas, apresentam durabilidade de aproximadamente 15 dias, devendo estar em ambiente refrigerado a uma temperatura de 15 °C a 18 °C, com umidade relativa do ar elevada (LAMAS, 2004).

Na comercialização, as alpinias são classificadas quanto ao tamanho e qualidade das inflorescências. O padrão internacional adotado para tamanho de inflorescência é: (a) pequeno – até 15 cm; (b) médio – entre 15 cm e 20 cm e (c) grande – acima de 20 cm. Quanto à qualidade das hastes, elas são classificadas em dois tipos: Tipo A – apresenta aspecto túrgido; 1/3 das brácteas inferiores fechadas; boa formação; boa coloração; ausência de manchas ou danos mecânicos; pseudocaule com diâmetro acima de 1 cm; e Tipo B – podem apresentar brácteas totalmente expandidas, ligeiramente estioladas e formato irregular; pseudocaule com diâmetro inferior a 1 cm (LOGES et al., 2005).

Quanto às embalagens utilizadas na comercialização de flores tropicais, incluindo as alpínias, a Fazenda Mumbecas, no município de Paulista, Pernambuco, utiliza caixas de papelão não reciclado nas medidas para comprimento, largura e altura de 1,15 m x 0,45 m x 0,18 m, e de 1,05 m x 0,30 m x 0,20 m, respectivamente. Há também informações para que as caixas sejam mantidas em temperatura inferior a 15 °C. Dependendo do destino, deverão ser colocadas redes nas inflorescências das alpínias para proteger de danos durante o transporte. Para as cultivares 'Red' e 'Eileen Macdonald', são acondicionadas de 50 a 100 hastes de 60 cm a 80 cm em cada caixa. Nas cultivares 'Jungle King', 'Jungle Queen' e 'Kimi', são 40 hastes de 80 cm, por caixa. O peso médio de cada caixa gira em torno de 18 kg, e deve conter informações como local de origem, empilhamento e posição da caixa, além da temperatura mínima e máxima de manutenção (LOGES et al., 2005).

Os principais países produtores de alpínia estão localizados nas Filipinas, Tailândia, Jamaica, Havaí, Costa Rica, Venezuela, Equador e Colômbia. Os principais mercados importadores são Estados Unidos, Canadá, Comunidade Europeia e Japão. No Brasil, a oferta do produto se dá durante todo ano, e o pico dessa oferta ocorre entre os meses de outubro a abril, nas condições de nordeste brasileiro. Os valores praticados no mercado internacional para as inflorescências de alpínia oscilam de US\$ 0,35 a US\$ 0,80 (LAMAS, 2004).

No contexto do Distrito Federal, a *Alpinia purpurata*, nas cores rosa e vermelha, é uma das principais espécies de corte produzidas na região, num elenco de 30 exemplares da floricultura tropical. A altura média da haste varia de 70 cm a 80 cm, o peso médio de flor é de 200 g, e a durabilidade média após colheita chega a ser de 10 dias. A comercialização dessas flores ocorre em maços com 6 a 12 hastes, com oferta o ano todo e pico de produção de novembro a março, com redução no inverno (SEBRAE, 2005). A área cultivada com alpínia para flor de corte de dois clientes da Emater-DF chega a 0,2 ha (EMATER-DF, 2009). Apesar de a área ser considerada pequena, o que se produz é absorvido pelo mercado interno e comercializado na Central Flores (Associação Brasiliense dos Produtores de Flores e Plantas), espaço

atacadista do setor no Distrito Federal, principalmente para atender ao setor de arranjos florais para eventos. Na Figura 6 observa-se maços com inflorescências de alpinia nas cores vermelha e rosa produzidas no Distrito Federal.



Foto: Araci Molnar Alonso

Figura 6. Alpinia em condições de comercialização na Central Flores - DF, fevereiro de 2009.

Considerações Gerais

A floricultura no Distrito Federal vem se consolidando em seus vários aspectos e, conseqüentemente, enfrenta situações que necessitam de adaptações e tecnologias adequadas para se obter sucesso no empreendimento. Os produtores locais, que são pequenos empresários sem tradição de cultivo, têm se empenhado há cerca de 20 anos, e enfrentado problemas que vão desde a obtenção de insumos até a comercialização de seus produtos, e demandam por tecnologias de produção e assistência mais efetiva. A produção local atende a somente 15% da demanda, enquanto mais de 80% desta é atendida principalmente pelo pólo de São Paulo e Rio de Janeiro, com o crescimento das importações de flores tropicais do Pará, Pernambuco

e Alagoas. Apesar de o setor estar em franca expansão gerando demandas junto aos produtores, estudos locais têm apontado carências em termos de treinamento e orientação técnica para adubação, controle fitossanitário de pragas e doenças, técnicas básicas de produção em floricultura, técnicas de produção de mudas, produção de flores e folhagens tropicais entre outras. Entre os 30 produtores de flores e folhagens de corte e de flores e folhagens em vaso cultivando 34 ha, a área ocupada pela floricultura tropical é de 9,7 ha com helicônias, gengibre-ornamental, musas (JUNQUEIRA; PEETZ, 2005), e onde a alpínia se enquadra como mais uma flor tropical de grande aceitação pelas demandas em arranjos florais e em jardins.

O que contribui para a exploração de um pequeno número de espécies no DF é o alto grau de dependência de outras regiões produtoras para o abastecimento do mercado local; falta de conhecimento, pesquisa e tecnologia para a exploração de espécies nas condições geológicas do Cerrado; falta de experiência anterior dos produtores e alto custo de produção local; além do baixo índice de consumo *per capita*; compras centradas em produtos tradicionais; sazonalidade da demanda em datas comemorativas; entre outros fatores. Mesmo assim, apesar dos entraves e gargalos da floricultura profissional no Distrito Federal, considerado por Junqueira e Peetz (2002) como “Pólo com foco prioritário na consolidação da produção da floricultura local e no auto-abastecimento”, a região é considerada muito promissora para a cadeia produtiva em questão. Buainain e Batalha (2007) comentam que as vantagens mais significativas para o desenvolvimento da produção de flores envolvem a diversidade de climas e microclimas favoráveis, a disponibilidade de terra, água, mão-de-obra barata e melhoria nas tecnologias agrônômicas. Nesse sentido, o Distrito Federal e Entorno são contemplados por essas condições. Além do mais, os aspectos limitantes para o cultivo de determinadas espécies como baixa fertilidade, acidez dos solos e baixa umidade relativa do ar podem ser controlados graças às tecnologias presentes na atualidade, inclusive aquelas realizadas por instituições que já desenvolvem pesquisas locais há praticamente 40 anos, como a Embrapa.

Não obstante a produção atual de flores e plantas ornamentais do DF ser baseada principalmente no plantio das espécies exóticas, a diversidade vegetal do Cerrado, a segunda do Brasil, ainda é pouco utilizada na floricultura local. As áreas de Cerrado não exploradas possuem espécies com potencial para domesticação e reprodução em escala comercial (CASTRO et al., 2005), mesmo tendo 40% de sua vegetação natural devastada (SANO et al., 2009), o que implica perda de muitas espécies endêmicas e valiosas ainda não devidamente investigadas (FELFILI et al., 2004). Vale ressaltar que há uma tendência no paisagismo moderno quanto à redução, ou mesmo a substituição das espécies ornamentais exóticas pelas nativas (HEIDEN et al., 2007).

Enfrentar o desafio que se apresenta na região em franco desenvolvimento para a floricultura é uma oportunidade de pesquisa, desenvolvimento e inovação para a Embrapa Cerrados. É nesse contexto que a alpínia se enquadra junto às demais espécies da floricultura tropical como as helicônias, entre exóticas e nativas e demais exemplares comercializados na cadeia produtiva. Assim, as pesquisas locais direcionadas para o desenvolvimento de tecnologias agrônômicas com espécies exóticas demandadas pelo mercado e com nativas promissoras, domesticadas ou em fase de domesticação, ou ainda não prospectadas no Cerrado, são necessárias e certamente poderão contribuir para o fortalecimento da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais do Distrito Federal em todos os aspectos, principalmente no tecnológico, econômico, social, cultural, ambiental e político.

Referências

- BERRY, F.; KRESS, W. J. **Heliconia**: an identification guide. London: British Library, 1991. 334 p.
- BEZERRA, F. C.; GONDIM, R. S.; PEREIRA, N. S. **Produção de alpínia em cultivo protegido na região litorânea do estado do Ceará**. Fortaleza, CE: Embrapa Agroindústria Tropical, 2008. (Embrapa Agroindústria Tropical. Comunicado Técnico, 137).
- BONGERS, F. J. Avaliação do mercado de flores no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE OLERICULTURA, 35., Foz do Iguaçu, 1995. **Anais...** Curitiba, PR: SOB, 1995. p. 171-174.

BUAINAIM, A. M.; BATALHA, M. O. (Coord.). **Cadeia produtiva de flores e mel**. Brasília, DF: IICA: MAPA/SPA, 2007. (Agronegócios, 9).

CASTRO, C. E. F. **Helicônia para exportação**: aspectos técnicos da produção. Brasília, DF: Embrapa-SPI, 1995. 44 p. (FRUPEX. Publicações Técnicas, 16).

CASTRO, C. E. F.; CARBONEL, S. A. M.; MAIA, M. S. D.; COSTA, A. F. **Floricultura**. Campinas, 2005. 48 p. (CONSEPA. Conselho Nacional dos Sistemas Estaduais de Pesquisa Agropecuária. Série Reuniões Técnicas).

CHANG, B. K. W.; CRILEY, R. A. Clonal propagation of Pink ginger in vitro. **HortScience**, v. 28, p. 1203, 1993.

CLARO, D. P.; SANTOS, A. C. dos; CLARO, P. B. de O. Um diagnóstico do agregado da produção de flores do Brasil. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 7, n. 1, p. 9-15, 2001.

COSTA, C. R. **Fungos associados às plantas ornamentais tropicais no Distrito Federal**. 2007. 98 f. Dissertação (Mestrado em Fitopatologia). Universidade de Brasília, Brasília, DF.

CRILEY, R. A. Development of *Heliconia* and *Alpinia* in Hawaii: cultivar selection and culture. **Acta Horticulturae**, n. 246, p. 247-258, 1989.

CRILEY, R. A.; PAULL, R. E. Review: Postharvest handling of bold tropical cut flowers: *Anthurium*, *Alpinia purpurata*, *Heliconia* and *Strelitzia*. **Acta Horticulturae**, n. 337, p. 201-211, 1993.

CRILEY, R. A. The techniques of cultivation in the ornamental Zingiberaceae. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 1, n. 1, p. 22-32, 1995.

DIAS-TAGLIACOZZO, G. M. D. Pós-colheita de antúrio. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 10, p. 45-47, 2004.

EMATER-DF. Coordenadoria de Planejamento. Gerência de Programação e Orçamento. **Informativo Conjuntural da Produção Agrícola do DF**, jun. 2009. p. 14-17.

FELIFILI, M. J.; RIBEIRO, J. F.; BORGES FILHO, H. C.; VALE, A. T. do. Potencial econômico da biodiversidade do Cerrado: estágio atual e possibilidades de manejo sustentável dos recursos da flora. In: AGUIAR, L. M. de S.; CAMARGO, A. J. A. de (Ed.). **Cerrado: ecologia e caracterização**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados; Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2004, p. 177-220.

HEIDEN, G.; BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. R. T.; GROLLI, P. R. Uso de plantas arbóreas e arbustivas nativas do Rio Grande do Sul como alternativa a ornamentais exóticas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, p. 851-853, 2007.

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. S. Os pólos de produção de flores e plantas ornamentais do Brasil: uma análise de potencial exportador. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 8, n. 1/2, p. 25-47, 2002.

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. S. **Perfil da cadeia produtiva das flores e plantas ornamentais do Distrito Federal**. Brasília, DF: SEBRAE, DF, 2005. 121 p.

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. S. Mercado interno para os produtos da floricultura: característica, tendências e importância socioeconômica recente. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 14, n. 1, p. 37-52, 2008.

KIYUNA, I.; FRANCISCO, V. L. F. dos S.; COELHO, P. J.; CASER, D. V.; ASSUMPCÃO, R. de; ÂNGELO, J. A. Floricultura brasileira no início do século XXI: o perfil do produtor. **Informações Econômicas**, v. 34, n. 4, p. 14-31, 2004.

LAMAS, A. M. **Floricultura tropical: técnicas de cultivo**. Maceió, AL: Edição Sebrae, 2002. 58 p.

LAMAS, A. da M. **Flores: produção, pós-colheita e mercado**. Fortaleza, CE: Instituto Frutal, 2004. 109 p.

LIMA, J. D.; FERRAZ, M. V. Cuidados na colheita e na pós-colheita das flores tropicais. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 14, n. 1, p. 29-34, 2008.

LINS, S. R. O.; COELHO, R. S. B. Ocorrência de doenças em plantas ornamentais tropicais no estado de Pernambuco. **Fitopatologia Brasileira**, v. 29, n. 3, p.332-335, 2004.

LOGES, V.; TEIXEIRA, M. do C. F.; CASTRO, A. C. R. de; COSTA, A. S. da. Colheita, pós-colheita e embalagem de flores tropicais em Pernambuco. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 23, n. 3, p. 699-702, 2005.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. de. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 4. ed., Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. 1120 p.

LUZ, P. B.; ALMEIDA, E. F. A.; PAIVA, P. D. de O.; RIBEIRO, T. R. Cultivo de flores tropicais. **Informe Agropecuário**, v. 26, n. 227, p. 62-72, 2005.

MEDEIROS, S. R. R. **Zoneamento agroclimático da flor tropical *Alpinia purpurata* no Estado de Pernambuco**. 2007. 48 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pernambuco, PE, 2007.

MELEIRO, M. **Desenvolvimento de Zingiberales ornamentais em diferentes condições de luminosidade**. 2003. 71 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Agricultura Tropical e Subtropical, Instituto Agronômico de Campinas. Campinas, SP, 2003.

NOORDEGRAAF, C. V. Production and marketing of high quality plants. **Acta Horticulturae**, v. 353, p. 134-148, 1994.

NOORDEGRAAF, C. V. An approach to select new ornamental crops. **Acta Horticulturae**, v. 541, p. 75-78, 2000.

OLIVEIRA, M. J. G. de. **Manual sobre pós-colheita de rosas**. Holambra: Veiling Holambra, 1995. 41 p.

SANO, E. E.; ROSA, R.; BRITO, J. L. S.; FERREIRA, L. G.; BEZERRA, H. da S. Mapeamento da cobertura vegetal natural e antrópica do bioma Cerrado por meio de imagem Landsat ETM+. In: SIMPOSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 14., 2009, Natal, RN. **Anais...** São José dos Campos, SP: INPE, 2009. p. 1199-1206.

SEBRAE. **Catálogo de flores e plantas ornamentais do Distrito Federal**. Brasília, DF: Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Distrito Federal, 2005. 47 p.

SILVA, A. T. C. da. **Manejo pós-colheita de *Alpinia purpurata* (Vieill) K. Schum (Zingiberaceae)**. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia, Produção Vegetal). Universidade Federal de Alagoas. Centro de Ciências Agrárias. Rio Largo, AL, 2006.

TEIXEIRA, M. do C. F.; LOGES, V. *Alpinia*: cultivo e comercialização. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 14, n. 1, p. 9-14, 2008.

TERAO, D.; CARVALHO, A. C. P. P.; BARROSO, T. C. S. F. **Flores tropicais: tropical flowers**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. 225 p.

WOOD, T. Ornamental Zingiberaceae. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 1, n. 1, p. 12-13, 1995.

***Alpinia purpurata* (Vieill.) K. Schum.: an ornamental plant to be cultivated in the Cerrado Biome**

Abstract

Alpinia purpurata (Vieill.) K. Schum. belongs to the Zingiberaceae family and it is original from the Australasia region. In Brazil the species normally reaches no more than 4 meters height and 1.5 meters width. The ***A. purpurata*** inflorescences show many colours but the commonest ones are those from the red to the rose. The species has huge trade perspectives in Federal District once it is very demanded for Congresses and other kinds of events that normally occur in the Brazilian Capital, Brasília. In spite of ***A. purpurata*** has been produced throughout the year in the Federal District, there are many difficulties to be solved. These are related specially to fertilization and trade processes. Once these problems decreased, the production and the consumption would be greater. Cerrado has a huge potential for ***A. purpurata*** crops but still strong efforts must be implemented specially those related to the research and the technology transference strategies.

Index terms: ***Alpinia purpurata***, *alpinia*, Zingiberaceae, tropical flowers, Federal District, Cerrado Biome.